

**O lugar das Histórias e dos profissionais de História no planejamento de atividades turísticas (2020-2024)**

**Potential Uses of Historical Research and Historical Narrative in Tourism Activity Planning (2020-2024)**

**Itamar Freitas**

Doutor em Educação pela PUC-SP e em História pela UFRGS

Professor da Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0605-7214>

E-mail: [itamarfreitasufs@gmail.com](mailto:itamarfreitasufs@gmail.com)

**Resumo**

Este artigo propõe uma sistematização dos usos da pesquisa e da narrativa históricas no planejamento de atividades turísticas, com foco em iniciativas de Turismo de Base Comunitária (TBC). A reflexão é orientada por um tipo ideal de intervenção do profissional de História (Weber) e por uma noção operatória de narrativa como intriga e ordenação temporal (Aristóteles), entendida também como modo de organizar e representar a experiência (Bruner), incluindo debates sobre configurações narrativas na escrita historiográfica (Barthes; White). Considerando um termo médio de planejamento turístico em quatro etapas (Gunn), realiza-se uma Análise de conteúdo (Bardin) de um *corpus* de 111 produções acadêmicas e técnicas (2020–2024), identificam-se quatro tipos de conteúdo narrativo mobilizados nos projetos: histórias locais, estratégias metodológicas, histórias de eventos/processos e histórias de artefatos. Também se examina a inserção dessas narrativas nas etapas do planejamento turístico e os múltiplos papéis assumidos pelos profissionais de História, revelando tensões entre memória, mercado e mediação política. O artigo conclui com uma tipologia funcional e epistêmica do trabalho do profissional de História em projetos turísticos, útil para iniciativas em assentamentos de reforma agrária.

**Palavras-chave:** História e Turismo. Narrativa histórica. Turismo de Base Comunitária.

**Abstract**

This article proposes a systematic overview of the uses of historical research and narrative in the planning of tourism activities, with a focus on community-based tourism (CBT) initiatives. The discussion is guided by an ideal type of intervention by the history professional (Weber) and by an operational notion of narrative as plot and temporal ordering (Aristotle), also understood as a way of organizing and representing experience

(Bruner), including debates on narrative configurations in historiographical writing (Barthes; White). Utilizing a four-stage model of tourism planning (Gunn), a content analysis (Bardin) is performed on a corpus of 111 academic and technical publications (2020–2024), revealing four categories of narrative content employed in the projects: local histories, methodological strategies, event/process histories, and artifact histories. We also examine the integration of these narratives into the stages of tourism planning and the multiple roles assumed by history professionals, revealing tensions between memory, the market, and political mediation. The article ends with a functional and epistemic typology of the work that historians do on tourism projects. This is useful for projects in settlements that are trying to change the way farming is done.

**Keywords:** History and Tourism. Historical narrative. Community-Based Tourism.

## 1. INTRODUÇÃO

Qual o lugar da História na implantação de atividades turísticas? De início, podemos afirmar que o uso da pesquisa e da narrativa históricas – científicas ou poéticas – apresenta grande potencial para diversificar a experiência do visitante e fortalecer pequenas localidades, especialmente no âmbito do Turismo de Base Comunitária (TBC). Em termos gerais, ao ser integrada ao planejamento turístico, os produtos convencionalmente constitutivos da História em sua condição de domínio científico (a pesquisa e a escrita) podem fortalecer vínculos entre turistas e territórios, promover o reconhecimento de saberes locais, valorizar o patrimônio imaterial e material e fomentar práticas sustentáveis e socialmente justas. Além disso, funcionam como ferramentas de empoderamento comunitário de caráter político e econômico.

Partindo desta premissa positiva, neste artigo, propomos uma reflexão sistemática sobre usos potenciais da pesquisa e da narrativa históricas, fundamentada em duas questões: (1) Qual a natureza e a função do conteúdo das histórias empregadas em atividades turísticas? (2) Quais lugares elas ocupam em um planejamento típico para atividades turísticas?

O texto surge da carência revelada na construção de um concreto projeto de implantação de TBC em Projetos de Assentamento de Reforma Agrária em municípios do Alto Sertão, no estado de Sergipe, entre 2024 e 2025 (Projeto “Em trilhas da reforma agrária”). Em busca de conhecimento a respeito, nos deparamos com o ineditismo da empreitada, após revisão exploratória sobre a matéria no banco de teses e dissertação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em sites especializados em revistas de Turismo e em Revistas de História no Brasil, em trabalhos produzidos no período 2020-2024. Para enfrentar a ausência de referências orientadoras do trabalho do profissional de História em empreendimentos turísticos, enfrentamos a tarefa de criar um tipo ideal (WEBER, 2001) estruturado em uma noção de planejamento e em referências empíricas das experiências da História em projetos turísticos que nos orientassem na seleção e a avaliação de estratégias historiadoras empregáveis em projetos de implantação de atividades turísticas e, por consequência, adequadas ao TBC. Como ressalta o próprio M. Weber, o significado da idealidade do tipo é algo “puramente lógico”, separada, portanto, da “noção de dever ser, do ‘exemplar.’ ” Parafraseando o sociólogo, a abstração do tipo ideal – o modelo de possibilidades para a intervenção historiadora em atividades turísticas – “não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio de conhecimento” (WEBER, 2001, p. 138-139).

Ainda sob a perspectiva positiva da premissa acima, acreditamos que as práticas de investigação histórica e de escrita da história, quando incorporadas às atividades de TBC, sobretudo aquelas constituídas academicamente, têm o potencial empoderar as comunidades locais, legitimando politicamente as iniciativas de Reforma Agrária (SOUZA, 2017), reforçando a salvaguarda dos respectivos patrimônios, em grande parte estruturados em suas vivências e saberes (COLLINS, 2015). No entanto, a integração da investigação e das narrativas históricas em iniciativas de Turismo apresenta limites e desafios que devem ser considerados. No plano acadêmico, os autores enfrentam dificuldades para relacionar o domínio História e o domínio Turismo. Impressões pessoais, registradas em trabalhos científicos apontam desinteresse dos profissionais de História em relação às contribuições disciplinares da História para o Turismo (MENDES, 2006) e do Turismo para a História (VASCONCELOS, 2009), incluso o Ensino de História na formação básica escolar (VENERA, 2010; LIMA; VON SIMSON, 2010; GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012).

Um texto pioneiro na matéria, no Brasil, *História & Turismo Cultural*, limita-se a fornecer “*insights*” sobre “o uso turístico dado às interpretações dos profissionais de História e ao legado histórico socialmente determinado e preservado pela memória coletiva” (MENEZES, 2013, p. 5). Outros pesquisadores aprofundam estudos apenas em uma modalidade de narrativa, o *storytelling* (BARBOSA; SOUZA, 2021), aplicada a uma das etapas do planejamento (operação) – o *marketing* de empresas, destinos turísticos e satisfação do turista (MANOSSO; RUIZ; NAKATANI, 2020; CASADO; RUIZ, 2022). Outros, ainda, se limitam a breves reflexões sobre objetos e abordagens contrastantes ou comuns entre a ciência da História e a ciência do Turismo (WEBER, 2006) sem desdobramentos significativos para uma das partes. Também inventariam tensões e disputas no interior comunidades de destino e entre agentes envolvidos na cadeia produtiva, especialmente em contextos em que múltiplas interpretações do passado estão em vigor. Eles apontam o risco de uma possível folclorização da história, onde aspectos da cultura e do passado local são simplificados ou distorcidos para atender às expectativas turísticas e as disputas de poder entre elites, comprometendo ideais acadêmicos de autenticidade e integridade das narrativas históricas (WALTON, 2009; FALK, 2012).

A designação dos objetos também é problemática. Ainda que empreguem o par “História e Turismo” como título, muitos trabalhos efetuam uma história do Turismo (NEVES, 2013) ou um inventário das percepções dos moradores sobre Patrimônio Histórico e o seu poder para conservar a história da cidade (PRIAMO, 2013). A maioria, porém, reconhece que, no plano temático e conceitual, História/Turismo Cultural (SOUZA, 2004), Turismo Cultural/Patrimonial (SILVA, 2020), Turismo Histórico/História Local, História Regional, História Cultural são formas óbvias onde as trocas entre os domínios História e Turismo, bem como os usos da pesquisa e da narrativa históricas, poderiam e podem ocorrer.

Não obstante reproduzir o cotidiano acadêmico, essa visão fragmentada pode obstaculizar um racional planejamento turístico que compreenda a pesquisa e a narrativa históricas como objetos e meios estruturantes de projetos. Essa demanda por descrições sistemáticas e tipologias de uso transnacional nos orienta na superação de carências de planejamento de iniciativas de TBC em Assentamentos de Reforma Agrária. Essa demanda pauta o objetivo geral deste trabalho que é o de inventariar, perceber tendências ou consensos temporários sobre o emprego de investigação e narrativa históricas em atividades turísticas. Os resultados, por fim, são apresentados em três partes, que (além desta introdução) tratam de: (1) categorias e estratégias heurísticas empregadas na

pesquisa das histórias, bem como as suas (3) formas potenciais e/ou reais de inserção no planejamento das atividades turísticas.

## 2. CATEGORIAS E ESTRATÉGIAS HEURÍSTICAS

Antes de descrever os usos dominantes da História e o seu lugar no planejamento da atividade turística, destacamos, nesta seção, as nossas visões instrumentais sobre os conceitos referidos (história, narrativa e planejamento turístico), além de informar sobre as fontes e as técnicas de investigação aqui empregadas.

A literatura que define “narrativa” é extensa e dispersa entre campos como a Linguística, Teoria Literária e a Psicanálise. Em História, temos, por exemplo, casos clássicos de epistemólogos reconhecidos e citados no Brasil, como J. Rüsen, P. Ricoeur e P. Veyne. O primeiro pensa a narrativa como um modo próprio de ser do humano na constituição da consciência histórica. É um processo de domesticar a “contingência”, articulando presente, passado e futuro na forma de uma história (RÜSEN, 2014, p. 257). Para o segundo, “narrativa” é um modo particular de explicação da ciência histórica, na medida em que “contar o que aconteceu já é explicar porque isso aconteceu” (RICOEUR, 1994, p. 221). O terceiro pensa a narrativa como um modo nada particular explicação histórica, afirmando: “como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página” (VEYNE, 1998, p. 19),

Nenhum desses sentidos clássicos nos serve, neste trabalho, por causa das singularidades epistemológicas das abordagens citadas. Optar por uma dessas definições significa, necessariamente (para manter a coerência), tomar como princípios a visão de ser humano, conhecimento científico e ciência da história do autor adotado. Assim, considerando a natureza das nossas fontes (que incluem narrativas realistas e ficcionais) e das finalidades do texto, lançamos mão de uma definição abrangente e adequada à instrumentalidade exigida para o tratamento das duas questões. Assim, tomamos “narrativa” (intriga) como uma estrutura de pensamento que expressa uma “mudança de sorte” (do sucesso ao fracasso e vice-versa), com o conhecimento ou a ignorância dos seus atores, em um lapso de tempo apreensível pela memória e estruturado em princípio, meio e fim (ARISTÓTELES, 2008, p. 57-60, p. 91). Neste texto, narração também designa o “ato ou efeito de narrar”, envolvendo as habilidades mentais de identificar, selecionar, sequenciar/ordenar fatos ou ficções, empregando signos verbais e não verbais que configurem começo, meio e fim. (MICHAELIS, sd.). Funcionalmente, a narrativa é o principal elemento dos modos de representar os atos humanos, servindo para conhecer o mundo e experimentar prazer, configurada, por exemplo, em História e em Poesia (BRUNER, 1990, p. 35-36).

Essa ideia de narração – configurável em representações científicas e artísticas (História e Poesia) – é plenamente adequada à seleção de fontes pois os autores que se ocupam da matéria – nos artigos selecionados na etapa exploratória da pesquisa – fazem uso dos dois tipos. Assim, por motivos que vão da orientação teórica à necessidade empírica (veremos adiante), incluímos as duas configurações. Essas diferenças entre configurações de narração, colhidas nas fontes, podem ser resumidas à clássica distinção aristotélica: história como narração do que aconteceu e poesia como narração do que poderia ter acontecido. Embora a maioria dos profissionais de História que seguem paradigmas emergentes do cientificismo de A. Comte ou do historicismo de J. G. Droysen tomem partido pela primeira configuração, há autores que oferecem bases a compreensões alternativas de narrativa produzida academicamente e que incorporam a segunda configuração como funcional e legítima (BARTHES, 1984; WHITE, 2014). O

fato relevante, além dessas considerações teóricas, é o emprego real de tais configurações no planejamento e na operação de atividades turísticas, inclusive na modalidade TBC.

Da seleção do material à produção deste relato, seguimos os três principais procedimentos caros à Análise de Conteúdo prescrita por L. Bardin – pré-análise, análise e interpretação –, depurada dos elementos incompatíveis com o paradigma compreensivo da História (DROYSEN, 2009), a exemplo das “inferências gerais” (BARDIN, 1977, p. 138), como também da sobreposição de tarefas flagradas na exposição do método, originalmente.

Assim, na etapa da “pré-análise”, após processo de “leitura flutuante” de livros, capítulos de livros e teses e dissertações selecionadas por *snowball sampling*, ou seja, rastreamento por referências (PARKER; SCOTT; GEDDES, 2019) e a concomitante escolha por casos julgados “típicos” conforme as demandas do pesquisador (anunciadas acima) (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 170), fizemos a “escolha dos documentos”, estabelecendo, *a priori*, a natureza das principais fontes: artigos acadêmicos publicados em revistas especializadas em turismo e em História, sobretudo da América Latina, no quinquênio imediatamente anterior (2020-2024). Para garantir a exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência das fontes, buscamos material em dois portais que, respectivamente, inventariam revistas acadêmicas de Turismo e de História. O site “Publicações de Turismo” reúne 60 revistas especializadas em turismo, publicadas em nove países – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, México, Peru e Portugal. O site “Resenha Crítica”, por sua vez, inventaria 155 revistas de História publicadas no Brasil (acervo ampliado para 288 revistas, em abril de 2006, no site da Biblioteca Latino-Americana de Revistas de História).

Na busca pelos textos, empregamos os seguintes descritores: “história e turismo”, “narrativa histórica e turismo”, “narrativa e turismo”, “*storytelling* e turismo”, “memória e turismo” (em suas formas inversas também), “Turismo narrativo”, “Turismo histórico”, “Turismo cultural” e “Turismo e Patrimônio”. Essa triagem inicial resultou na listagem 89 artigos em 60 revistas de História e 206 artigos em 17 revistas de Turismo. Após descartes por indisponibilidade na Internet, desvio do tema, uso acidental dos descritores e, principalmente, pela ausência de proposições substantivas sobre a relação história/turismo, selecionamos 63 artigos para a leitura integral. A amostra, por fim, constou de 111 textos, quando somamos artigos acadêmicos, capítulos de livro, livros, teses e dissertações, dos quais aproximadamente 1/3 dos artigos estão citados e referenciados ao final deste texto.

A pré-análise foi encerrada com a “elaboração dos objetivos” da análise, implícitos nas questões nunciadas na introdução deste texto: (1) conhecer a natureza e a função do conteúdo das histórias empregadas em atividades turísticas? (2) identificar os lugares que as histórias e, conseqüentemente, os profissionais de História ocupam em um planejamento típico para atividades turísticas. Como primeira investida do gênero, decidimos não “formular hipótese” alguma sobre os resultados.

**Quadro 1. Distribuição da amostra por gêneros textuais**

Gêneros textuais	Quantidade de documentos
Artigos de revista	63
Livros	11
Capítulos de livro	17
Teses, dissertações e trabalho de graduação	19
Documento técnico	1
Total	111

Fonte: Freitas, 2025.

Correspondendo à segunda fase do método de Análise do conteúdo – a análise propriamente dita do material selecionado –, providenciamos a “codificação” ou a escolha dos “índices” ou das “unidades de significação”, que no nosso caso foram temas – natureza do conteúdo substantivo das histórias; finalidade das histórias; lugar das histórias no planejamento – e a palavra em sua função sintática de “verbo” principal da proposição identificada como “unidade de registro”. Também estabelecemos as “regras de contagem” ou escolha dos “indicadores” ou do tipo de “enumeração” que seriam empregados conforme a natureza dos resultados obtidos na codificação: “presença” e “frequência”.

Os temas foram recortados nos textos tendo como base as declarações marcadamente intencionais dos autores, em geral, situadas objetivamente nas seções “resumo”, “introdução” e, em menor escala, “conclusão” dos artigos em frases que anteriores ou seguintes à palavra “história” (ou termos do mesmo campo semântico, como narrativa). Tais declarações foram transformadas em paráfrases iniciadas com o termo “história” e transferidas para uma planilha do software *Access*, que já contava com a coluna “referências”.

A partir da leitura desse recorte parafraseado, acrescentamos novas colunas que abrigariam os resultados da “categorização” dos temas. As categorias foram escolhidas *a priori* ou dedutivamente, com base na literatura citada no início desta seção. Para o tema “natureza do conteúdo”, empregamos os pontos de vista do conteúdo substantivo – acontecimentos, processos e narrativas históricas – e do conteúdo metahistórico – estratégias teórico-metodológicas, ou seja, conceitos históricos, categorias, princípios historiográficos (LEE, 2005). No quadro 2, por exemplo, são experiências de “pessoas” que davam significado à presença da história no turismo. Para o tema “finalidade das histórias”, as categorias foram selecionadas *a posteriori*, ou seja, a partir das sugestões das próprias fontes, expressas nos verbos principais da declaração recortada. No exemplo (quadro 2), a categoria que emergiu da leitura foi a finalidade “avaliar”.

Para o tema “lugar no planejamento”, as categorias também já estavam predeterminadas, com base na literatura especializada: formulação de objetivos, diagnóstico, planejamento e operação (GUNN, 2002). Esse termo médio, repetimos, foi reforçado, por exemplo, nas orientações didáticas para o planejamento do turismo empregadas no Brasil – analisar a situação da região turística (inventário da oferta, dimensionamento da demanda, inventário de atrativos, mercado etc.), formular objetivos gerais e específicos e linhas de ação, e implantar plano em nível tático e operacional (BRASIL, 2007), objeto/missão/inventário, diagnóstico, prognóstico, diretrizes de ação (BRAGA, 2006) – e fora do Brasil: inventariar, analisar tendências, definir objetivos, criar estratégias, selecionar vocações, criar estratégias para atingir os objetivos vocacionais, implementar e avaliar (BOITEAUX; WERNER, 2009). Nos casos em que o

texto fornecia mais de uma referência singular à história/narrativa, outro registro era criado e a categorização seguia a mesma ordem.

**Quadro 2. Extrato de planilha do Access preenchida com as anotações de leitura da fonte**

Referências	Apreciação geral	Tipo de conteúdo	Finalidade da narrativa	Lugar no planejamento
FALCÃO, 2016	História que jornalistas contam sobre visitas a atrativos ou estadas em destinos, programados por uma instituição - Press Tripp (p. 564)	Pessoas	Avaliar a percepção de jornalistas especializados sobre a qualidade da visita e dos atrativos do turismo local	Operação
PRIAMO, 2013	História oral de vida em trabalho de educação patrimonial –, no estado de São Paulo (p. 229)	Estratégias metodológicas	Sensibilizar turistas sobre a necessidade de eles preservarem a memória e a história dos atrativos	Operação

Fonte: Freitas, 2025.

Após a categorização, aplicamos as **regras de contagem** adequando-as – como anunciado acima – à natureza dos resultados da codificação, ou seja, da paráfrase/modulação e/ou da transcrição literal de declarações e de verbos. Considerando o número reduzido de registros, 139 linhas referentes à leitura de 111 autores (efeito da identificação de mais de um “índice” – tema ou palavra – em um autor), foi até possível fazer as primeiras quantificações visualmente, apenas manuseando a ferramenta de ordenação alfabética (AZ) de uma, duas ou mais colunas simultaneamente, possibilitando, inclusive, processos de recategorização, como exemplificado no quadro 3 (ordenação progressiva de conteúdo) e no quadro 4 (ordenação progressiva de finalidade da narrativa).

**Quadro 3. Extrato de planilha do Access com categorização e recategorização**

Referências	Apreciação geral	Conteúdo I	Conteúdo II
TERRY, 2016...	História encenada...	casa	artefatos
FERNANDES...	História do município...	casa	artefatos
SILVA; BARROSO...	História da Igreja do ...	igreja	artefatos
VINHAS, 2007...	História de cada...	monumento	artefatos
MOONEY-MELVIN...	História de “lugares...	monumento	artefatos
CHEN, 2014...	História confere...	monumento	artefatos
EDENSOR, 2020...	História das pedras ...	pedras	artefatos
REID, 2023...	História dos artefatos...	ruas, fortificações...	artefatos
VARGAS, 2013...	História de produtos ...	produtos turísticos	artefatos/serviços

Fonte: Freitas, 2025.

**Quadro 4. Extrato de planilha do Access com ordenação alfabética de finalidades da história**

Referências	Apreciação geral	Finalidade da narrativa	Lugar no planejamento
SIMON; MORAIS...	História de vida de...	Agregar valor aos	3 Planejamento
BORGES, 2022...	Pesquisa histórica...	Agregar valor e ampliar...	3 Planejamento
ADEOLA, ...	História nacional...	Alertar os planejadores...	3 Planejamento
CHHABRA...	Turismo Histórico...	Alertar os planejadores...	3 Planejamento
WEBER, 2006...	Pesquisa histórica...	Alertar os planejadores...	3 Planejamento
KORSTANJE...	História nacional...	Alertar os planejadores...	4 Operação
WALKER, 2010...	História local é...	Alertar os planejadores...	4 Operação
TAVARES...	História recriadas...	Alertar os planejadores...	3 Planejamento
RICKLY-BOYD...	História local é ...	Apresentar experiências...	3 Planejamento
CHEN, 2014	História confere...	Atribuir autenticidade...	1 Formulação de...
DING;...	História de vida...	Atribuir continuidade...	4 Operação

Fonte: Freitas, 2025.

Depois de atingido o ponto de saturação dessas operações, as fontes foram submetidas a exercícios de distribuição de frequência e correlação e medidas de moda e separatriz do tipo quartis, típicas da Estatística descritiva (LARSON; FARBER, 2015). Para esta tarefa, empregamos os auxílios do modelo ChatGPT (5.3) de Inteligência Artificial Generativa (IAGen), acompanhada de revisão humana, na interpretação dos números relativos, nos ensaios de hierarquização das habilidades historiadoras empregadas e, ainda, nas simulações de possíveis planos de redação de relatórios sobre os resultados parciais. Para a análise qualitativa (não submetida ao processamento de números), fizemos cruzamentos entre as categorias *a priori*, referentes ao planejamento, e as categorias *a posteriori*, referentes aos verbos indicadores de finalidades das histórias/narrativas, viabilizando a **interpretação** – identificação de diversidades e homogeneidades e correlações entre os dados, por exemplo, da finalidade da narrativa no interior de uma etapa de planejamento, como exemplificado no quadro 5. Esse tipo de operação resultou em proposições expressas em parágrafos, desenvolvidos por exemplificação parafrásica e referenciação da fonte, como no exemplo adiante, desdobrado do quadro 5.

**Quadro 5. Extrato de planilha do Access com cruzamento de categorias**

Referências	Lugar no planejamento	Finalidade da narrativa
CHEN, 2014...	1 formulação de objetivos	atribuir autenticidade existencial ao artefato...
LOUMANTIGA...	1 formulação de objetivos	definir identidade do empreendimento e...
REID, 2023...	1 formulação de objetivos...	dar a conhecer passado imediato e remoto...
COMARÚ, 2011...	1 formulação de objetivos...	formular os objetivos
PALLADINO...	2 diagnóstico	atribuir continuidade temporal e fornecer...
BRAGA, 2006...	2 diagnóstico	coletar depoimento de políticos, chefes...
SINGH, 2020...	2 diagnóstico	dar a conhecer aos planejadores as histórias...
HAMID, 2024...	2 diagnóstico	dar a conhecer aos planejadores as potenciais...
PRIAMO, 2013...	2 diagnóstico	identificar a natureza e a qualidade do...

Fonte: Freitas, 2025.

**Quadro 5. Extrato de texto interpretativo resultante do cruzamento dos índices (tema e verbo indicador de ação)**

Em um nível inicial, colabora na formulação dos objetivos (COMARÚ, 2011) e na identificação do perfil do turista, experiências vívidas e produtos e serviços (REID, 2023). Em seguida, o profissional de História exerce funções de maior sofisticação interpretativa, como atribuir autenticidade existencial a artefatos (CHEN et. al., 2024) e definir a identidade do empreendimento (LOUMANTIGA et al., 2021; REID, 2023).

Fonte: Freitas, 2025.

O resultado desse trabalho – a extração de números absolutos e relativos, cruzamento de categorias, elaboração de proposições em parágrafos, exemplificação e referenciação – estão descritos nas duas subseções seguintes, que foram revisadas em ortografia e expressão por aplicativo de IAGen, Clarice.Ai: “Conteúdos substantivos em atividades turísticas”; e “Histórias, fins e inserção nas atividades turísticas.”

**3.1. Conteúdo substantivo em atividades turísticas**

A análise dos conteúdos substantivos das histórias empregadas em empreendimentos turísticos, constatamos que são quatro as categorias estruturantes: histórias locais, estratégias metodológicas, histórias de eventos/processos e histórias de artefatos. Cada uma delas apresenta uma frequência distinta de ocorrência, o que permite classificá-las em termos de centralidade no discurso turístico e ordená-las de acordo com sua representatividade.

Considerada a distribuição relativa das frequências, as histórias locais apresentam alta incidência (56,6%), configurando-se como o eixo predominante das narrativas turísticas. Elas também concentram a maior variedade de conteúdo associado. São exemplos desse uso a evocação da história do Cemitério do Alecrim para fins de turismo mórbido em Natal-RN (SILVA, 2018), a história do campo e de vestígios arqueológicos no planejamento de visitas em Peirópolis-MG (REID, 2023), e a construção da marca de destinos com base no autoconhecimento comunitário (WALKER, 2010).

A categoria estratégias metodológicas fornecidas pela História apresenta a maior frequência entre as categorias secundárias (17,9%), indicando um segundo polo de recorrência e apontando para alternativas dominantes de operacionalização do conhecimento histórico no turismo. Exemplos disso incluem o uso da história oral para estimular o sentimento de pertença e o engajamento comunitário em Ilhéus-BA (NOIA, 2007), a aplicação de técnicas de contar história, empregando mais de uma mídia (vídeo e impressos, por exemplo), como estratégia de marketing em Girona, na Espanha (CASADO; RUIZ, 2022), e a pesquisa histórica sobre edificações e designações no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, para diversificar os atrativos turísticos locais (BORGES, 2022).

As histórias de eventos/processos correspondem a 12,3% das ocorrências, configurando uma frequência menor, embora apresentem forte carga simbólica e demonstrem a importância da perspectiva histórica. São exemplares a pesquisa histórica sobre a experiência dos cristãos-novos na Bahia como patrimônio e potencial atrativo turístico (RIBEIRO, 2003), o uso de reencenações de batalhas em museus multimídia na Irlanda para promover o legado histórico (BONIFACE; COOPER, 2009), e a recriação de episódios da história privada ou pública, em parte cotidiana, como jantares e saraus

nas fazendas imperiais do Vale do Paraíba Fluminense, que alimentam reencenações históricas (SILVEIRA; REJOWSKI, 2016).

Por fim, as histórias de artefatos representam 13,2% do *corpus*, apresentando baixa frequência relativa, embora cumpram papel importante na sensação de viagem ao passado e, conseqüentemente, na materialização da memória. Essa categoria compreende a valorização de artefatos e monumentos como atrativos históricos, como no caso do museu localizado na Casa da Cultura de Irati-PR (FERNANDES; MENEZES, s.d.), da reconstituição de moinhos e fortificações em projetos de turismo rural (REID, 2023), e da ambientação sensorial oferecida aos visitantes de casas-museu, como ocorre na Phrapanee Culinary School, na Tailândia (WALTER, 2016).

A predominância das histórias locais entre os conteúdos substantivos observados pode ser atribuída à sua adaptabilidade e proximidade com o cotidiano das comunidades envolvidas nos projetos turísticos, como os assentamentos de reforma agrária. Considerando que, mesmo em turismo de massa, de país a país, os atrativos serão sempre localizados, ou seja, pertencentes a determinada comunidade no interior de uma nação e, ainda, levando em conta que as histórias constroem singularidades e são, em si mesmas, atrativos turísticos, é compreensível que os recortes predominantes do objeto histórico privilegiem a escala “local”. Para nós, isso indica que, ao elaborar histórias voltadas à implantação de projetos de Turismo de Base Comunitária (TBC), o foco na experiência local está mais que justificado e consolidado. Além disso, em termos metodológicos, a ênfase no depoimento oral e nos artefatos da vida privada, durante a heurística, deixam de ser um obstáculo e passam a ser vantagem para o trabalho.

A frequência médio-alta da categoria "estratégias metodológicas fornecidas pela História" sugere que devemos dedicar atenção não apenas ao conteúdo das narrativas, mas também à forma como elas são organizadas, apresentadas e validadas. O uso de metodologias como história oral, *storytelling* e narrativas transmidiáticas pode ser especialmente relevante em projetos com fins pedagógicos, comunitários e de sensibilização. Contudo, a literatura é bastante limitada mesmo para as estratégias apontadas acima, seja em termos epistemológicos, seja em termos ideológicos. Autores raramente discutem, por exemplo, as implicações dos conflitos entre os princípios epistemológicos convergentes de história acadêmica, os princípios político-ideológicos dos movimentos sociais que apoiam a criação dos projetos de assentamento, os ideais de fortalecimento econômico que norteiam grande parte dos assentados interessados em iniciativas de TBC, e os ideais das gestões do turismo de massa, muito provavelmente chamado ao diálogo com o modelo TBC. Isso sugere que, no trabalho com as comunidades de assentados deveremos fazer opções não isentas de contradições (acadêmicas) e de perigos de rejeição (por parte da comunidade).

Já a menor frequência das histórias de eventos/processos e de artefatos evidencia um desafio e uma oportunidade para nós. Por um lado, indica que esses elementos têm sido pouco explorados em virtude de uma tendente rejeição da história política estritamente factual, nos últimos 20 anos, para o caso do Brasil, ou enfrentam dificuldades de apropriação factual em contextos turísticos comunitários; por outro, sinaliza que a inclusão planejada de episódios históricos marcantes (como conflitos fundiários ou formas de resistência camponesa) e de vestígios materiais (como casas de lona plástica ou ferramentas de trabalho) pode diversificar a oferta narrativa dos projetos.

Chamou-nos a atenção, por fim, a residual frequência da “memória”, seja como substância, seja como elemento metahistórico. Independentemente das razões que expliquem essa baixa presença, é importante compreender que as lembranças dos assentados e as narrativas que eles constroem com base nessas lembranças devem ser,

obviamente, consideradas, contrastadas, criticadas e, em seguida, empregadas na pesquisa e na escrita da história dos indivíduos e das comunidades de projetos de Reforma Agrária.

### 3.2. As histórias, seus fins e formas de inserção

A exemplo do bloco anterior, a análise da frequência de uso das histórias nas diferentes fases do planejamento turístico pode ser organizada em quartis. A etapa classificada como planejamento apresenta alta frequência, com 77 registros (57% do total), reiterando sua centralidade como momento estratégico de mobilização das narrativas históricas. Já a operação aparece com médio-alta frequência (40 registros, 30%), enquanto a fase de diagnóstico, com 14 registros (10%), configura-se como de médio-baixa frequência. Por fim, a formulação de objetivos reúne apenas 4 ocorrências (3%), sendo classificada como de baixa frequência, o que aponta para uma marginalização das histórias no momento inicial de definição das intenções e metas dos projetos.

Na fase de formulação dos objetivos de um empreendimento turístico (considerando a amostra da pesquisa), o profissional de História contribui com um leque de habilidades progressivas. Em um nível inicial, colabora na formulação dos objetivos (COMARÚ, 2011) e na identificação do perfil do turista, experiências vívidas e produtos e serviços (REID, 2023). Em seguida, o profissional de História exerce funções de maior sofisticação interpretativa, como atribuir autenticidade existencial a artefatos (CHEN et al., 2024) e definir a identidade do empreendimento (LOUMANTIGA et al., 2021; REID, 2023). A complexidade se intensifica com o trabalho de conhecer o passado imediato e remoto, por meio da Arqueologia e da História (REID, 2023), que exige investigação crítica e reconstrução contextual. Avançando ainda mais, o profissional de História atua para formar o turista, promovendo sua consciência histórica e cultural (CHEN et al., 2024), e, por fim, realiza a tarefa mais complexa da etapa: envolver a comunidade, o que requer escuta ativa, mediação de interesses e integração de múltiplas narrativas em um projeto comum (LOUMANTIGA et al., 2021).

Na fase do diagnóstico de um empreendimento turístico, o profissional de História também desempenha tarefas de menor complexidade, ao colaborar na identificação de recursos e atrativos (FALCÃO, 2016), produtos e serviços (PACELLI; SICA, 2021) e do perfil do turista, suas experiências e expectativas (DREDGE; HALLES, 2012). Em um nível intermediário, o profissional de História avalia o sentimento de pertença dos moradores (PRIAMO, 2013), identifica e/ou atribui valor aos artefatos ritualizados pela comunidade (LWOGA; ADU-AMPONG, 2020), e informa sobre a historicidade dos artefatos e suas relações com os seres vivos (EDENSOR, 2020). Já em ações mais complexas, ele contribui para sensibilizar a comunidade quanto à preservação do patrimônio e à defesa de seus direitos (TORRES, 2007), criar imagens múltiplas ou únicas do destino (EDELHEIM, 2015), e explorar convergências entre lendas e histórias factuais para diversificar as trilhas interpretativas (HAMID, 2024). Por fim, o profissional de História exerce funções altamente complexas ao revelar narrativas silenciadas pelas classes dominantes ou subalternas (SINGH, 2020), avaliar como as comunidades interpretam diferentes versões contadas por empreendedores (ZHANG, 2014), e coletar depoimentos de atores locais para compreender as posições sociais frente à implantação do turismo (BRAGA, 2006).

Na fase de planejamento de atividades turísticas, o profissional de História assume tarefas mais operacionais, como: agregar valor aos atrativos e produtos turísticos por meio da historicização dos espaços e objetos (FALCÃO, 2016), criar de experiências vívidas

(ÖZKUL; UYGUN; LEVENT, 2006) e propor visitas imersivas baseadas em tecnologias (ÖZEN, 2006; WANG et al., 2024). Já em ações intermediárias, o profissional de História atua ao reconhecer e valorizar representações locais sobre o patrimônio (GUMA, 2023), ao criar atrativos turísticos a partir de ruínas ou vivências locais (FALCÃO, 2016; RIBEIRO, 2003), e ao informar o turista por meio de narrativas literárias ou mapas históricos (RAMOS; SARAIVA; COSTA, 2021; NIELSEN; LIBURD, 2008). Com maior grau de complexidade, o profissional de História se envolve em ações de mediação de conflitos entre visões divergentes sobre o passado (CASSEL; MÖRNER, 2011), na problematização de estereótipos e versões oficiais (CHHABRA; ZHAO, 2016; WATERS, 2003), e na reflexão sobre os efeitos da espetacularização e mercantilização da memória (TAVARES; SANTOS JÚNIOR, 2010). Por fim, em seu papel mais complexo, o profissional de História participa ativamente da mobilização política das comunidades em defesa do patrimônio (NOIA, 2007), e da construção de atrativos que respeitem e projetem a diversidade histórica e cultural dos territórios, inclusive incorporando lendas, mitos e narrativas subalternas como estratégias metodológicas (MOONEY-MELVIN, 1991; GIOVINE, 2018).

Na etapa da operação de empreendimentos turísticos, por fim, o profissional de História contribui de maneira estratégica para a validação simbólica e a continuidade histórica das experiências oferecidas. Ele atua atribuindo autenticidade e valor temporal aos produtos e serviços turísticos (DING; LEGENDRE, 2022), criando marcas identitárias para os destinos com base em lendas e narrativas locais (CAMPRUBÍ; PLANAS, 2020) e integrando saberes à promoção e marketing (TAHAR et al., 2018; GUIMARÃES, 2012). Também desempenha funções avaliativas ao analisar percepções de turistas e jornalistas sobre atrativos e narrativas (CASTRO, 2007; FALCÃO, 2016; GJERALD; BLUMENTHAL, 2014), identificar hábitos dos visitantes (COLIN, 2006) e formular objetivos comunicacionais ajustados ao público-alvo (COLIN, 2006). Além disso, contribui com a criação de atrativos baseados em conflitos históricos e versões contrastantes, reforçando a complexidade do patrimônio local (HAMID, 2024), e participa da construção de imagens e *branding* turísticos (WALKER, 2010; FERREIRA; LIMBEGER; MARQUES, 2021). O profissional de História ainda orienta a divulgação do destino por meio de histórias e imagens geradas por turistas e residentes (SÁNCHEZ; BOIX; RODRÍGUEZ, 2022; ALBUQUERQUE, 2009), além de sensibilizar visitantes sobre a preservação da memória local (LIMA, 2015). Por fim, exerce papel pedagógico em sentido estrito ao formar guias, trabalhadores e estudantes, articulando conhecimentos de História com saberes da Geografia, Botânica e Etnografia (TRINDADE JUNIOR, 2021; MIRZEKHANOVA, 2015; FALCÃO, 2016), e ao avaliar a recepção e ressignificação das narrativas históricas no pós-visita (EDELHEIM, 2015), contribuindo para a construção de experiências autênticas e afetivamente marcantes (HAMID, 2024).

O fato de as histórias estarem desequilibradas em frequência não significa afirmar peremptoriamente que servem à determinada etapa de modo isolado. Trata-se, em primeiro lugar, de um resultado espelho da amostra – que pode mudar com a alteração do testemunho. Em segundo lugar, apesar de residual, é clara a destinação, por exemplo de narrativas potencialmente simultâneas às etapas do diagnóstico e da operação, do planejamento e da operação. Por fim, modificando a ideia de operação – para além do definido na descrição que se segue –, a maior parte das histórias empregadas no planejamento pode ser também empregável na etapa de operação das atividades turísticas. Observem que mesmo com este quadro de fontes, os propósitos das histórias e as habilidades profissionais exigidas também se repetem entre as etapas de planos – alguns, mais outros menos –, como veremos na sequência (subseção 3.2).

Considerando, novamente, o nosso envolvimento em projetos de TBC, os resultados quantitativos e qualitativos da distribuição das histórias segundo as etapas do processo turístico revelam tensões significativas entre o potencial crítico das narrativas e sua efetiva mobilização nas fases do planejamento e da operação. A centralidade das histórias na etapa de planejamento é coerente com a prática de implantação de projetos turísticos, inclusive os casos de TBC. É neste momento que se definem, junto à comunidade, os sentidos simbólicos, marcos identitários e os parâmetros ético-políticos da apropriação turística dos bens culturais. O predomínio narrativo nessa fase está diretamente relacionado às demandas por definição de atrativos, serviços e correspondente infraestrutura.

No entanto, a subutilização das histórias na fase de diagnóstico pode sugerir uma limitação metodológica que compromete os princípios do TBC. Esta fase deveria ser marcada por uma escuta ativa das memórias e saberes locais, possibilitando que o território fosse intelectualmente constituído. A escassez de narrativas nesse momento pode indicar uma priorização de variáveis operativas (infraestrutura, capacitação etc.) em detrimento das simbólicas (ideológicas/identitárias). Assim, diagnosticar sem historicizar é correr o risco de planejar sem base e fio condutor.

A forte presença de histórias na operação do turismo, além do que tratamos acima, revela um paradoxo: se, por um lado, evidencia a importância contínua das narrativas na construção de experiências afetivas, formação de trabalhadores e engajamento simbólico dos turistas, por outro, revela também a vulnerabilidade das histórias à captura por lógicas de mercado. Muitas vezes, as narrativas mobilizadas nessa etapa são instrumentalizadas para fins puramente promocionais – criando imagens idealizadas do território e performando uma autenticidade estrategicamente desenhada para o lucro de grupos externos à comunidade e passíveis de reforçar estereótipos ou simplificações.

Por fim, a análise sugere que as histórias, longe de se restringirem a momentos pontuais, deveriam compor uma tessitura transversal do planejamento turístico, atuando como instrumento de escuta, mediação e construção de sentidos compartilhados. Sobretudo em iniciativas de TBC, as práticas historiadoras podem ser mais processuais, acompanhando e retroalimentando todas as etapas do planejamento turístico, inclusive os momentos de revisão, pactuação e reposicionamento de sentidos ao longo do percurso.

### **3.3. Os profissionais de História e seus novos papéis**

No trabalho de planejar um empreendimento turístico, o profissional de História desempenha potencialmente uma infinidade de funções equivalentes àquelas convencionalmente reivindicadas por profissionais de diversas áreas do conhecimento – a exemplo da listagem oferecida pela CAPES –, partindo das mais simples às mais complexas, em cada uma das quatro etapas da tarefa (como vimos na subseção 3.1).

Inicialmente, na fase de formulação dos objetivos, o profissional de História exerce o papel do administrador em gestão estratégica ao formular objetivos técnicos e identificar perfis, produtos e serviços turísticos adequados ao público-alvo, produzindo – ou agregando à sua pesquisa ou à sua narrativa – relatórios técnicos de planejamento estratégico que circulam em consultorias empresariais e plataformas institucionais. Em seguida, realiza funções típicas de profissionais das artes e comunicação visual ao atribuir autenticidade simbólica aos artefatos e construir identidades visuais e culturais para o empreendimento, produzindo materiais gráficos e audiovisuais que circulam em exposições e mídias digitais. Com maior sofisticação analítica, atua como arqueólogo e historiador cultural na investigação do passado remoto e imediato para reconstruir

contextos históricos, produzindo pesquisas historiográficas que circulam em periódicos acadêmicos e publicações especializadas. A complexidade avança quando assume o papel de educador cultural ao promover a formação e sensibilização histórica dos turistas, contribuindo para seu desenvolvimento crítico, gerando materiais didáticos e oficinas educativas que circulam em cursos e visitas guiadas. Por fim, na tarefa mais complexa desta etapa, exerce o papel do antropólogo social ou do cientista político, envolvendo a comunidade local em processos de diálogo, escuta, mediação de conflitos e integração de múltiplas perspectivas narrativas, gerando relatórios analíticos e políticas públicas que circulam em fóruns comunitários e governamentais.

Na fase do diagnóstico, em ações mais simples, o profissional de História desempenha o papel do geógrafo ao identificar recursos e atrativos naturais e culturais do território, produzindo mapas interpretativos que circulam em plataformas digitais e guias turísticos. Como gestor de turismo, reconhece produtos e serviços turísticos potenciais, elaborando catálogos promocionais que circulam em agências de viagem e feiras de turismo. Como sociólogo, traça perfis de turistas, mapeando suas experiências e expectativas através de pesquisas quantitativas, cujos resultados circulam em relatórios de mercado turístico. Em nível intermediário, atua como antropólogo cultural, avaliando e interpretando o sentimento de pertença das comunidades locais e valorizando objetos e artefatos ritualizados, gerando estudos etnográficos que circulam em publicações acadêmicas e exposições culturais; também assume o papel do arqueólogo e historiador cultural ao informar sobre a historicidade dos artefatos e suas conexões sociais, éticas e estéticas, produzindo relatórios arqueológicos que circulam em centros de preservação patrimonial. Em tarefas mais complexas, desempenha funções de educador social e comunicador ao sensibilizar as comunidades locais para a preservação do patrimônio histórico e cultural através de campanhas que circulam em mídias locais e escolas, e atua como profissional de comunicação visual e marketing ao contribuir na construção de imagens múltiplas ou singulares dos destinos turísticos, produzindo campanhas publicitárias que circulam em mídias digitais e convencionais. Por fim, em seu papel mais sofisticado, assume a função do cientista social ou do analista de discurso ao revelar e problematizar narrativas silenciadas ou conflitantes, avaliando percepções comunitárias e realizando entrevistas qualitativas cujos resultados circulam em periódicos acadêmicos e debates públicos.

Na fase de planejamento de atividades turísticas, em nível mais operacional, o profissional de História atua como curador ou museólogo ao agregar valor aos atrativos turísticos por meio da historicização dos espaços e objetos, organizando exposições que circulam em espaços culturais e turísticos. Como *designer* de experiências, cria vivências imersivas baseadas em tecnologias e recursos audiovisuais disponíveis em aplicativos interativos e plataformas digitais. Como gestor de informação, disponibiliza conteúdos históricos através de mapas históricos interativos e narrativas literárias, acessíveis em aplicativos turísticos e guias impressos. Em ações intermediárias, ele assume as funções do antropólogo cultural ou do sociólogo ao reconhecer representações locais sobre patrimônios e culturas, produzindo análises socioculturais que circulam em publicações acadêmicas e workshops comunitários. Como arqueólogo, cria atrativos baseados em ruínas históricas, gerando relatórios técnicos e roteiros turísticos publicados em materiais de divulgação. Como comunicador social, estrutura a informação histórica de forma atrativa e acessível, criando conteúdos educativos para sites e redes sociais. Com maior complexidade, o profissional de História atua como cientista político ou mediador social ao gerir conflitos entre diferentes versões históricas, produzindo estudos críticos que circulam em conferências acadêmicas e encontros comunitários. O profissional de

História exerce, ainda, o papel do filósofo ou especialista em ética ao refletir criticamente sobre os impactos da espetacularização da memória histórica, publicando artigos reflexivos em revistas especializadas. Por fim, em seu papel mais sofisticado, desempenha funções de educador social e ativista político, mobilizando comunidades em defesa de seu patrimônio cultural e participando da preservação crítica da memória local por meio de ações comunitárias e políticas públicas que circulam em encontros políticos, audiências públicas e plataformas digitais, incorporando narrativas subalternas, mitos e lendas como estratégias metodológicas de valorização.

Na etapa de operação de empreendimentos turísticos, o profissional de História desempenha, novamente, o papel de museólogo ou curador ao conferir autenticidade histórica aos produtos e serviços turísticos através de mostras e exposições em espaços culturais. Como publicitário especializado em *branding*, desenvolve identidades baseadas em narrativas locais que circulam em campanhas promocionais e mídias sociais. Assumindo as atribuições de um profissional de *marketing* e comunicação, integra saberes históricos às campanhas promocionais disponíveis em plataformas digitais e eventos turísticos. Como sociólogo especializado em estudos de consumo e mercado, realiza pesquisas qualitativas e quantitativas cujos relatórios circulam em consultorias e agências turísticas. Assume ainda o papel de cientista político ou mediador cultural ao criar atrativos sobre conflitos históricos e versões contrastantes, gerando materiais educativos e exposições itinerantes. Como gestor de turismo, contribui na construção de imagens e *branding* turístico por meio de planos de comunicação publicados em guias turísticos. O profissional de História também exerce funções próprias dos comunicadores sociais ao orientar a divulgação do destino através de conteúdos audiovisuais compartilhados nas redes sociais e sites de turismo. Finalmente, atua como educador patrimonial capacitando guias e trabalhadores turísticos através de oficinas e treinamentos multidisciplinares disponíveis em cursos de formação continuada e plataformas educacionais digitais.

A partir da leitura desta primeira parte do item 3.3, é possível identificar frequência recorrente e correlação temática entre os papéis profissionais assumidos pelo profissional de História em diferentes etapas do planejamento turístico. Como apresentadas no quadro n. 4, quatro grandes núcleos de atuação atravessam todas as fases: (1) gestão e planejamento estratégico, (2) produção e mediação de narrativas visuais e simbólicas, (3) educação e formação histórica e (4) mediação sociopolítica e escuta comunitária.

**Quadro – Núcleos de atuação do profissional de História no Turismo**

<b>Núcleo de atuação</b>	<b>Fases do empreendimento turístico em que predomina</b>	<b>Nível de complexidade da atuação</b>	<b>Finalidade central</b>
<b>Gestão e planejamento estratégico</b>	Formulação de objetivos; Diagnóstico; Planejamento; Operação	Básico → Avançado	Planejar, organizar e orientar o desenvolvimento de destinos e empreendimentos turísticos com base em informação histórica qualificada

<b>Produção e mediação de narrativas visuais e simbólicas</b>	Diagnóstico; Planejamento; Operação	Intermediário → Avançado	Construir identidades, sentidos e experiências turísticas a partir da historicização e simbolização
<b>Educação e formação histórica</b>	Planejamento; Operação	Intermediário → Avançado	Sensibilizar turistas e trabalhadores para o patrimônio e promover compreensão crítica do passado
<b>Mediação sociopolítica e escuta comunitária</b>	Formulação de objetivos; Diagnóstico; Planejamento; Operação	Avançado	Articular memórias, negociar conflitos e integrar comunidades aos processos turísticos

Fonte: Freitas, 2025.

Esses grupos de funções reaparecem em distintos momentos, porém com variações de ênfase e complexidade conforme a etapa. Por exemplo, papéis ligados à comunicação visual e marketing ganham força nas fases de diagnóstico e operação, enquanto funções de educador social e cientista político se intensificam no planejamento e na formulação de objetivos. Já o papel de arqueólogo e historiador cultural aparece com frequência transversal, indicando sua centralidade na construção de experiências ancoradas no tempo histórico.

Observamos também que algumas funções são exclusivas ou dominantes em determinadas fases. O papel de administrador em gestão estratégica, por exemplo, aparece apenas na formulação dos objetivos, enquanto o de designer de experiências surge de forma expressiva na etapa de planejamento das atividades. Já papéis como o de sociólogo e comunicador social aparecem em todas as fases, sinalizando uma correlação direta com o caráter transversal da análise de perfis, percepções e construção de imagens do destino. Essa recorrência sugere que há competências de base – como a capacidade de análise social, de escuta interpretativa e de mediação narrativa – que sustentam a atuação do profissional de História ao longo de todo o processo, ainda que adaptadas a distintos objetivos operacionais. Para os profissionais de História interessados em atuar em projetos de TBC em assentamentos de reforma agrária, essa configuração impõe o desafio de acumular e articular diferentes saberes – técnicos, simbólicos e políticos – acompanhado de uma postura crítica diante da desigualdade fundiária e das memórias silenciadas que marcam esses territórios. Exige-se desses profissionais do domínio historiográfico, além das habilidades para negociar sentidos, gerar pertencimento e transformar narrativas locais em instrumentos de fortalecimento comunitário.

Por fim, os papéis mais sofisticados, como filósofo, ativista político, cientista social crítico e mediador cultural, tendem a se concentrar nas fases de planejamento e operação, que são os momentos nos quais os conflitos de memória, a espetacularização da cultura e a mobilização comunitária atingem maior intensidade e visibilidade pública. Essa concentração revela uma correlação entre a complexidade ética da tarefa e o grau de implicação política esperado do profissional de História. Assim, não apenas há uma frequência variada de funções em cada etapa, como também uma gradação na densidade epistêmica e ética das funções conforme o planejamento avança – do técnico ao

simbólico, do individual ao coletivo, do objetivo ao político. Para nós, que atuamos junto a assentamentos, isso significa que devemos assumir uma escuta ativa das memórias camponesas, contribuir com a projeção de suas lutas no espaço turístico e operar como agente de mediação entre a história local e os mercados, sempre sob o risco – e a responsabilidade – de traduzir os diferentes espaços de experiência para um convergente horizonte de expectativas positivas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, demonstramos que os objetos historicizados nos projetos de implantação de empreendimentos turísticos concentram-se, majoritariamente, nas histórias locais, nas metodologias da História, nos eventos/processos históricos e, em menor grau, nos artefatos –, cada uma com diferentes níveis de frequência e função. As histórias locais, por sua alta recorrência, testemunham a centralidade da memória comunitária na construção de atrativos turísticos simbólica e territorialmente enraizados. As estratégias metodológicas, com frequência médio-alta, indicam a relevância da forma de narrar – como a história oral e o *storytelling* – na mediação entre passado e experiência turística. Já as histórias de eventos e de artefatos, embora menos frequentes, oferecem densidade histórica e ancoragem sensorial aos projetos, especialmente quando articuladas a processos de resistência e valorização do patrimônio. Nesse cenário, destacam-se seis habilidades fundamentais que devem orientar a atuação do profissional de História: informar, identificar, sensibilizar, atribuir valor, instrumentalizar e dramatizar.

Por meio da análise, também constatamos uma distribuição assimétrica das formas de inserção das histórias nas etapas do planejamento turístico, com predominância expressiva na fase de planejamento, seguida pela operação, diagnóstico e, por fim, formulação de objetivos. Na formulação de objetivos, as histórias ajudam a definir a identidade do empreendimento e a mobilizar a comunidade por meio de narrativas de pertencimento e resistência; no diagnóstico, funcionam como ferramenta de escuta e contextualização, permitindo mapear recursos, perfis turísticos e disputas de memória; no planejamento, oferecem base simbólica para a criação de produtos e experiências com valor histórico e cultural; e, na operação, cumprem papéis formativos, promocionais e avaliativos, articulando memória, marketing e engajamento contínuo dos visitantes e moradores. A recorrência de funções compartilhadas entre etapas revela que as narrativas históricas, quando bem mobilizadas, operam como tecnologias de vinculação e transformação, atravessando todo o ciclo de desenvolvimento turístico.

Por fim, constatamos que as funções desempenhadas pelos profissionais de História no planejamento de empreendimentos turísticos são distribuídas em complexidade e predominância diferenciadas, conforme as etapas do processo. Na formulação de objetivos, destacam-se as funções de administrador estratégico e de comunicador simbólico, voltadas à definição de metas, identificação de perfis turísticos e construção de identidades para o empreendimento. No diagnóstico, predominam os papéis de geógrafo, sociólogo e antropólogo cultural, com ênfase na escuta territorial, na identificação de recursos e no mapeamento de experiências comunitárias. Já na etapa de planejamento de atividades, o profissional de História atua fortemente como curador, designer de experiências, mediador de conflitos, comunicador digital e filósofo ético, articulando conteúdos históricos a roteiros, produtos e narrativas que valorizam a diversidade cultural. Por fim, na operação, prevalecem as funções de educador patrimonial, publicitário, analista de recepção e formador de trabalhadores, voltadas à validação simbólica, à comunicação com o público e à continuidade histórica das

experiências. Essa progressão funcional demonstra que o profissional de História, ao assumir diferentes papéis em cada fase, torna-se um agente central na construção de empreendimentos turísticos comprometidos com a memória, a justiça simbólica e a participação comunitária.

A aplicação dessa tipologia ao contexto do Turismo de Base Comunitária (TBC) em assentamentos de reforma agrária pode ampliar as possibilidades de construção racional de projetos mais justos, democráticos e sensíveis às realidades locais. Isso contribui não apenas para o fortalecimento das identidades territoriais e da autoestima coletiva, mas também para a geração de alternativas sustentáveis de desenvolvimento, alinhadas com os princípios da justiça social, da autonomia popular e da pluralidade narrativa.

Contudo, o uso dessa tipologia impõe desafios epistemológicos e ideológicos significativos aos profissionais de História. Epistemologicamente, exige a ampliação dos critérios de validade da narrativa histórica para incluir formas não acadêmicas de produção de sentido, como as oralidades, os saberes tradicionais, os testemunhos afetivos e as narrativas ficcionais. Ideologicamente, impõe o enfrentamento das assimetrias entre as versões do passado legitimadas pelo Estado ou pelo mercado e aquelas produzidas por sujeitos subalternizados. Assumir a história como prática pública e dialógica, em vez de apenas disciplina escolar ou acadêmica, implica reposicionar o profissional de História como mediador entre memórias coletivas e projetos de transformação social, desafiando tanto os cânones da disciplina quanto os interesses que instrumentalizam o passado como mercadoria.

## REFERÊNCIAS

ADEOLA, Ogechi; eigbe, Oserere; MURITALA, Omotayo. Drivers and opportunities in Nigeria's tourism industry: Towards sustainable growth and development. In: NOVELLI, Marina; ADU-AMPONG, Emmanuel Akwasi; RIBEIRO, Manuel Alector. **Routledge Handbook of Tourism in Africa**. New York: Routledge, 2021. p.394-422).

AGAPITO, Dora; CHAN, Chug-Shing. Perspectives on Community Involvement in the Revitalisation of Cultural and Natural Heritage for Sustainable Tourism: A Case of an Island in Hong Kong. In: PINTO, Patrícia; GUERREIRO, Manuela. (Ed). **Handbook of Research on Resident and Tourist Perspectives on Travel Destinations**. Hershey: IGI Global, 2020. p. p.115-139.

ALBUQUERQUE, Sergio Flores de. **Princípios orientadores para divulgação de material promocional de destino turístico dentro do marco da comunicação para a sustentabilidade**. Brasília, 2009. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Mestrado Profissional em Turismo, Universidade de Brasília.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, sd.  
BARBOSA, José William de Queiroz; SOUZA, Anderson Gomes de. Quem conta um conto aumenta um ponto? Uma revisão do uso do storytelling por empresas e destinos turísticos. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo, v.32, n.3, p.594-617, set./dez. 2021.

BARRETO, Sérgio Alberto Menezes. **A História do Cangaço enquanto atrativo turístico: o caso do produto Xingó (Canindé do São Francisco-SE)**. Dissertação

---

(Mestrado), Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia. Ilhéus-BA, 2004

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Lisboa: Tipografia Lousanense, 1984.  
BOITEAUX, Bayard; WERNER, Maurício. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

BONIFACE, Brian; COOPER, Chris. **Worldwide destinations: The Geography of Travel and Tourism**. Amsterdam: Elsevier, 2009. p.199-210.

BORGES, Vera Lucia Bogéa. Os lugares para a história e a construção turística no bairro da Urca, Rio de Janeiro: processos históricos e confrontos políticos republicanos em diferentes temporalidades. **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**. Sdt., v.14, n.1, p.58-76, 2022.

BRAGA, Debora Cordeiro. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. **Roteiros do Brasil – Módulo operacional 4 (Elaboração do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo Regional)**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

BRUNER, Jerome. **Acts of meaning**. London: Harvard University Press, 1990.  
CAMPRUBI, Raquel; PLANAS, Cèlia. El storytelling en la marca de destinos turísticos: el caso de Girona. *Cadernos de Turismo*. Murcia, n.46, p.269-289, 2020.

CASADO, Cristiano Silva; RUIZ, Thays Cristina Domareski. Um panorama bibliométrico do Storytelling no Turismo: por uma atualização conceitual do uso das narrativas. **Revista Turismo em Análise**. São Paulo, v.33, n.2, p.259-278, maio/ago., 2022.

CASTRO, Claudiana. **As Representações Sociais sobre o Patrimônio Histórico-cultural e a folheteria turística de Rio Pardo (RS) um estudo exploratório**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, 2007.

CAUSEVIC, Senija; NEAL, Mark. The exotic veil: Managing tourist perceptions of national history and statehood in Oman. **Tourism Management**. Sdt., v.71, p.504-517, Abr. 2019.

CHEN, Joseph S.; PREBENSEN, Nina K. UYSAL, Muzaffer (Ed.). **Handbook of experience science: Tourism, hospitality, and leisure**. Cheltenham: Edward Elgar, 2024.  
CHHABRA, Deepak; ZHAO, Shengnan. Historical tourism. In: JAFARY, Jafar; XIAO, Hongeen (Ed). **Encyclopedia of Tourism**. Sdt.: Springer, 2016. p.524-426.

COELHO, Pablo Cristiano Alves. **A herança de guerra e a preservação da memória na paisagem do oeste da Eslovênia**. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, 2017.

COLIN, Peter. **Dictionary of Leisure, Travel and Tourism**. London: Black Publishers Ltda, 2006.

COLLINS, Kerri Hayden (Ed.) **Handbook on tourism development and management**. New York: Nova Publishers, 2015.

COMARÚ, Itamar Ferretto. **Patrimônio histórico e Turismo na cidade de Veranópolis/RS**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul-RS, 2011.

DING, Anni; LEGENDRE, Tiffany S. Managing Luxury Brand Creation, Communication and Sustainability: Evidence from the Four Seasons Hotels and Resorts Case. In: KOTUR, Anupama S.; DIXIT, Saurabh Kumar (Ed.). **The Emerald Handbook of Luxury Management for Hospitality and Tourism**. Bingley: Emerald Publishing, p.337-352.

DREDGE, Dianne; HALLES, Rob. Community case study research. In: DWYER, Larry; GILL, Alison; SEETARAM, Neelu. **Handbook of research Methods in Tourism: quantitative and qualitative approaches**. Cheltenham: Edward Elgar, 2012. p.365-376.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Petrópolis: Vozes, 2009. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio.

EDELHEIM, Johan R. **Tourist attractions: from object to narrative**. Bristol: Channel View Publications, 2015.

EDENSOR, Tim. **Stone: Stories of urban materiality**. Singapore: Springer Nature, 2020.

FALCÃO, Luis. **Dicionário: Turismologia de Bolso (Termos técnicos do meio turístico - conceito, definições, siglas & tipologias)**. São Borja: sn., 2016. [nada consta]

FALK, Cynthia G. Viewpoint: When Tourism Is History Travel and the Construction of the Past in Cooperstown, New York. **Buildings & Landscapes: Journal of the Vernacular Architecture Forum**. Sdt., v19, n.2, p.1-19, 2012.

FERNANDES, Diogo Lüders; MENEZES, Vanessa de Oliveira. Avaliação e hierarquização dos atrativos turísticos de Irati-PR. **Revista Capital Científico – Guarapuava**. Garapuava, v.7, n.1, p.73-84, jan./dez. 2009.

GHORBANI, Mjid; AZARNEJAD, Nazanin. An introduction to Narrative Tourism. **Tourism of Culture**. Sdt, v.2, n.6, p.15-22, 2021.

GJERALD, Olga; BLUMENTHAL, Veronica. The four mechanisms of the immersion process. In: CHEN, Joseph S.; PREBENSEN, Nina K. UYSAL, Muzaffer (Ed.). **Handbook of experience science: Tourism, hispitality, and leisure**. Cheltenham: Edward Elgar, 2024. p.13-23.

GOMES, Daiana Silva; MOTA, Karol Monteiro; PERINOTTO, André Riani Costa. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores

de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v.5, n.1, p.82-103, abr. 2012.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo Leal. **A História e a Memória a nos guiar no Rio de Janeiro**: proposta para um guia de viagem. Dissertação (Mestrado), Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro-RJ, 2012.

GUIMARÃES, Valeria Lima. O ofício do historiador e sua contribuição para o uso turístico de fortificações. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.23-33, out. 2013.

GUMA, Sebastian. Patrimônio ferroviário como dinamizador de oferta turística em Jesús María, Córdoba, Argentina. **Passos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Sdt., v.21, n.4, p.851-873, oct./dic., 2023.

GUNN, Clare A. **Tourism planing**. 4ed. New York: Routledge, 2002.

HAMID, Mohamed Nazreen Shahul; RAHMAN, Nadiatul Shakinah Abdul Rahman; ALI, Rohaya Md. Narrative tourism: A study of the potential of folklore as a source of tourism in Perak and Sarawak. **Melayu: Jurnal Antarabangsa Dunia Melayu**. Sdt., v.17, n.1, p.85–106, 2024.

JOHNSON, Nuala C. Where Geography and History meet: Heritage Tourism and the Big House in Ireland. **Annals of the Association of American Geographers**. Cambridge, v.86, n.3, p.551-556, 1996.

LANE, Bernard. Heritage, heritage interpretation and rural tourism. In: MAIR, Heather. (Ed.). **Handbook on Tourism and Rural: Community Development**. Cheltenham: Edward Elgar, 2023. p.166-179.

LARSON, Ron; FARBER, Betsy. **Estatística aplicada**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. Tradução José Fernando Pereira Gonçalves ; revisão técnica Manoel Henrique Salgado.

LAVILLE, Chriatian; DIONNE, Jean. **A construfao do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciencias humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. Tradução de Heloisa Monteiro e Francisco Settineri.

LEE, Peter. Putting principles into practice: understanding history. In: DONOVAN, M. S.; BRANDSFORD, J. D. **How students learn**: history in the classroom. Comitee on How people learn, A targeted Report for Teachers. Washington: National Research Council/The National Academies Press, 2005. p. 31-77.

LEGGET, Jane. Visitor attractions: Volunteering in cultural heritage tourism in Aotearoa New Zealand. In: HOLMES, Kirsten; LOKSTONE-BINNEY; SMITH, Karen A.;

SHIPWAY, Richard. **The Routledge Handbook of volunteering in events, Sport and Tourism**. London: Routledge, 2022. p.96-111.

LIMA, Livia Morais Garcia. Turismo, história oral e velhice: o contexto do patrimônio cultural rural paulista (São Paulo, Brasil). **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v.8, n.2, p.218-233, maio/ago., 2015.

LIMA, Livia Morais Garcia; VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Turismo e idosos: o patrimônio imaterial como fator de atração para o turismo cultural no espaço rural. **Turismo em Análise**. Sdt., v.21, n.3, p.517-538, dez. 2010.

LITKA, Stephanie J. Managing Heritage and Culture: The Goal of Sustainable Tourism in a Yucatec Maya Village. In: COLLINS, Kerri Hayden. **Handbook on Tourism Development and Management**. New York: Nova Publishers, 2015. p.1-20.

MANOSSO, Franciele Cristina; RUIZ, Thays Cristina Domareski; NAKATANI, Marcia Shique Massukado. A aplicação do storytelling nas pesquisas em Turismo: uma revisão bibliométrica, sistemática e integrativa da literatura. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 8, n. 2, p.337-358, jul./dez. 2020.

MCCABE, Scott; FOSTER, Clare. The Role and Function of Narrative in Tourist Interaction, **Journal of Tourism and Cultural Change**. Sdt., v.4, n.3, p. 194-215, 2006.

MCGEHEE, Nancy Gard. Interview techniques. In: DWYER, Larry; GILL, Alison; SEETARAM, Neelu. **Handbook of research Methods in Tourism**: quantitative and qualitative approaches. Cheltenham: Edward Elgar, 2012. p.417-437.

MENDES, Sandra Regina. **Nos caminhos das tropas**: História, Cultura e Turismo em Ipiaú e entorno. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-BA, 2006.

MENESES, José Newton Coelho. **História & Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MICHAELIS - **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra>>Capturado em 22 set. 2019.

MIRZEKHANOVA, Z. G. The Role of Tourism in the Formation of Environmental Outlook. In: COLLINS, Kerri Hayden (Ed.). **Handbook on Tourism Development and Management**. New York: Nov Publishers, 2015. p.229-324.

NEVES, Rodrigo. **História e Turismo**: a “meradorização” do “patrimônio histórico” e a elitização da área central de Tiradentes, Minas Gerais (1980-2012). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-RJ, 2013.

NOIA, Angye Cássia. História, Identidade local e Turismo: reflexões sobre a cidade de Ilhéus-BA a partir da segunda metade do século XIX. **Caderno Virtual de Turismo**. sdt., v.7, n.2, p.64-72, 2007.

---

PACELLI, Vincenzo; SICA, Edgardo. Financing heritage assets and art walth management. In: **The economics and finance of Cultural Heritage**: how to make tourist attractions a regional economic resource. London: Routledge, 2021. p.40-80.

PACHECO, Isabel Maria de Jesus Pacheco. **O imaginário da Carta de Caminha e sua apropriação pelo Turismo**. Dissertação (Mestre), Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia, Ilhéus-BA, 2004.

PALLADINO, Monica. Rediscovering people, places and traditions: a story of stories. **Journal of Place Management and Development**. Sdt., v.13, n.2, p.121-147, 2020.

PRIAMO, Vania Inês Avila. **Entre a História e o Turismo**: as cidades e seu Patrimônio Cultural (Nova Hartz-RS). Dissertação (Mestrado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2013.

REID, Donald G. Cunderstanding rural tourism. In: MAIR, Heather. (Ed.). **Handbook on Tourism and Rural**: Community Development. Cheltenham: Edward Elgar, 2023. p.29-40.

RIBEIRO, Genebaldo Pinto. **“Não sabia que era coisa de judeo”**: os cristãos-novos, sua história, seus espaços, suas resistências/permanências. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Cruz, Ilhéus-BA, 2003.

RICKLY-BOYD Jillian M. The Tourist Narrative. **Tourist Studies**. Sdt., v.9, n.3, p.259–280, 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo 1. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

RÜSEN, Jörn. Converter tempo em sentido – Ensaio de uma tipologia de formação de sentidos temporais. In: **Cultura faz sentido**: Orientações entre o ontem e o amanhã. Petrópolis: Vozes, 2014. p.255-301.

SCHÜLER, Thais Gaia. **As coisas, as pessoas e o lugar**: estudo das memórias da comunidade de Batinga Sul a partir de vestígios arqueológicos. Dissertação (Mestrado), Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2019.

SILVA, João Albino. Turismo e História: Territórios turísticos e Patrimônio(s) da Humanidade. In: EHRIQUES, Cláudia Helena; CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt;

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; MOREIRA, Maria Cristina. **Turismo & História**: perspectivas sobre o Patrimônio da Humanidade no espaço ibero-americano. Caxias do Sul: EDUCS, 2020. p.7-9.

SILVA, Wesley Carlos da. Cidades dos mortos originando cidades para os vivos: um estudo da representatividade do Cemitério do Alecrim, Natal (RN, Brasil) como opção de atrativo para o Turismo Mórbido. **Turismo & Sociedade**. Curitiba, v.11, n.3, p.383-411, set./dez., 2018.

SILVEIRA, Adalgiso Silva; REJOWSKI, Mirian. Turismo nas fazendas imperiais do Vale do Paraíba Fluminense, Brasil. **Turydes – Revista Turismo y Desarrollo Local**. Sdt, v.9, n.20, jun. 2016.

SINGH, Anshka Kumari. **State-Sanctioned Narratives in Tourism: Decoding the Behavior of Policymakers in Havana's Historic Center and Chinatown**. Middletown, 2020. Tesis (Bachelor of Arts) – Faculty of Wesleyan University.

SOUZA, Plínio Guimarães de. **Turismo em assentamentos de Reforma Agrária no Nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2017.

TAHAR, Yosr Ben; HALLER, Coralie; MASSA, Charlotte; BÉDÉ, Sébastien. Designing and creating tourism experiences: adding value for tourists. In.: SOTIRIADIS, Marios. **The Emerald Handbook of Entrepreneurship in Tourism, Travel and Hospitality skills for successful ventures**. Bingley: Emerald Publishing, 2018. p.404-424.

TAVARES, Edvandro Carlos; SANTOS JÚNIOR, Wilson Ribeiro dos. Tambaú: memória e turismo religioso. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v.11, n.15, p.180-198, 2010.

TORRES, Nicolás Jesús Ramírez. **Gestão do Patrimônio Histórico e Desenvolvimento Urbano Sustentável: Políticas públicas para o incremento do Turismo em Curitiba**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba-PR, 2007.

TRINDADE JUNIOR, Rydemberg. **Ensino de História na formação profissionalizante do Guia de Turismo**. Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado da Bahia, Salvador-BA, 2021.

VARGAS, Daniela Pereira de. **Turismo e imaginário: percurso histórico do chocolate em Gramado (RS)**. Dissertação (Mestrado), Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, 2013.

VASCONCELOS, Paula Nardey Moriz de. Turismo e valorização do patrimônio histórico-cultural na reserva de desenvolvimento sustentável Mamirauá. **Caderno Virtual de Turismo**. sdt., v.9, n.2, 2009.

VENERA, Raquel Alfavrenga Sena. Turismo e Ensino de História: potencialidades e interpretações locais. **Turismo em Análise**. Sdt., v.21, n.2, p.421-436, ago., 2010.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VIDAL, Eudes Mata. **Proposta didática baseada no ensino de História e Geografia: aplicação em escolas do Cabula para mobilização do Turismo de Base Comunitária**. Salvador, 2021. (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia.

WALKER, Marian. Cities as Creative Spaces for Cultural Tourism: A Plea for the Consideration of History. PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. Sdt. V.8 Special Issue, p.17-26, 2010.

WALTER, Pierre. Culinary tourism as living history: staging, tourist performance and perceptions of authenticity in a Thai cooking school. **Journal of Heritage Tourism**. Sdt. p.1-15, 2016.

WALTON, John. Prospects in tourism history: evolution, state of play and future developments. **Tourism Management**. Sdt. V. 20, n.6, dec., p.183-193, 2009.

WANG, Lingqi; ZHANG, Jiangyue; WENG, Min; KANG, Mengjun; SU, Shiliang. Making a narrative tourism map: the case of Jiaxing's 'Red Boat Spirit Map'. **Journal of Maps**. Sdt., v.20, n.1, 2024.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais (Parte 1)**. 4ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. Tradução de Augustin Wernet.

WEBER, Roswithia. **Mosaico identitário: História, Identidade e Turismo nos municípios da Rota Romântica-RS**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2006.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. 2ed. São Paulo: Edusp, 2014.

YANG, Yang; SHEN, Han. Digital marketing practices in tourism: advances in the cultural heritage of China. In: CHEN, Joseph S.; PREBENSEN, Nina K. UYSAL, Muzaffer (Ed.). **Handbook of experience science: Tourism, hispitality, and leisure**. Cheltenham: Edward Elgar, 2024. p.222-236.

ZHANG, Xiaoming Zhang . Tourism and the “villagers without history”: the case of Yubeng, **Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment**. SDT., v.16, n.5, p. 741-756, 2014.

ZHAO, Shengnan (Nancy) China's red tourism development. In.: HUANG, Songshan (Sam); CHEN, Ganghua (Ed.). **Handbook on Tourism and China**. Northampton: Edward Elgar, 2020. p.231-249.